

Do não-lugar a uma razão sensível: uma travessia alongada

Luzia Alves de Carvalho¹

Resumo

O texto explicita, em dois momentos, nossa condição humana hoje. Primeiramente descreve como travessia o processo histórico que contextualiza nossa condição humana no mundo atual. Em seguida, desnuda a alma humana marcada pelo narcisismo exacerbado, fruto de uma sociedade igualmente narcísica, permissiva e hedonista. O trabalho aponta para a utopia como busca do homem pelo sentido da vida.

Palavras-chave: Travessia; Globalização; Narcisismo; Individualismo; Hipermmodernidade; Razão sensível.

Abstract

The text makes explicit, within two different moments, our present human condition. At first, it describes how the historical process of our pilgrimage in life contextualizes our human condition in the present world. Then, it reveals a human soul hallmarked by the exacerbated narcissism, a result of a likewise narcissist, permissive and hedonist society. The work focuses on a utopia consisting in the human being's search for a meaning to life.

Keywords: Pilgrimage; Globalization; Narcissism; Hypermodernity; Individualism; Sensible world.

¹ Este trabalho foi extraído do quinto capítulo da tese de doutorado da autora, intitulada: Da Singularidade à Universalidade da prática docente: natureza e significado da identidade institucional coletiva. UPSA/Madrid/2007.

1. Introdução

A globalização sob todos os aspectos - econômico, cultural, ambiental - está inchando e ampliando a interdependência de tal modo que vírus perigosos, poluentes e falhas técnicas atingem rápida e profundamente as diversas realidades sociais.

Igualmente, as fronteiras da descoberta científica e da inovação tecnológica estão expandindo de modo acelerado e assustador, expondo populações inteiras aos mais variados riscos.

Tempos difíceis esses pelos quais estamos passando, marcados por vastas ameaças, que vão desde o mega-terrorismo, às novas doenças infecto-contagiosas, à destruição de cidades inteiras por terremotos e catástrofes arrasadoras, dos mais diversos tipos.

Relatórios da OCDE (2002) mostram mudanças não somente na natureza dos riscos, mas também na capacidade da sociedade de gerenciá-los.

O enfrentamento dessas situações configura o contexto, define cenários e atores agregando adeptos para o monitoramento dos graves problemas e suas conseqüências para a sociedade.

Autores como Tonnies, Habermas, Bell (apud Giddens, Beck, Lash, 1997) têm se dedicado ao estudo do processo de desintegração social e suas conseqüências: anomia, desencanto, insegurança, perda de identidade, sentimento de vazio, violência, suicídio, expressões da cultura narcísica que caracteriza os tempos hipermodernos (Lipovetsky, 2004a).

Este artigo, em um primeiro momento, caracteriza a condição histórica de transição e de desconforto do homem pós-moderno. Para isso utiliza a metáfora da travessia. Em seguida, aborda a cultura narcísica como monumental explosão individualista, segundo Sennett (2005).

Fugindo do pessimismo e da cultura de morte, vislumbra uma sociedade nova, oposta a permissividade imperante.

2. Travessia

Travessia é a metáfora que utilizamos para designar a condição histórica de transição, de desconforto do homem pós-moderno. Giddens (1991), aponta uma variedade de termos para essa travessia. Sociedade de consumo, globalização, mundialização entre tantos outros termos, expressão das mais diversas tendências.

Pode-se dizer que estamos chegando ao encerramento de uma época com o surgimento concomitante de outra, caracterizada diferentemente por vários autores: pós-modernidade, pós-modernismo, sociedade pós-industrial (Giddens, 1991), modernidade reflexiva (Giddens, Beck e Lash, 1997), modernidade tardia (Giddens, 2002), hipermodernidade (Lipovetsky, 2004b).

Essas mudanças tiveram seu início com invenção do relógio, marco na transição da sociedade tradicional para a moderna. O relógio passou a marcar o tempo social e artificial. A noção de tempo tornou-se linear e não cíclica. Esta noção moderna de tempo criou o sentimento de que o mundo está encolhendo. As distâncias se encurtaram, a partir do momento em que as comunidades começaram a calibrar seu senso de tempo com o de outra comunidade, do outro lado do globo. Espaço e tempo se transformaram, à medida em que o espaço de fluxos passou a dominar o espaço de lugares. O tempo intemporal substituiu o tempo cronológico.

Historicamente, as mudanças ocorreram primeiro nas noções de tempo e espaço, pasteurizando a realidade, elegendo o figurativo como experiência de fato. O vivencial foi substituído pela aparência, o fato pelo simulacro, o real pelo virtual, as palavras pelas imagens.

Aparência, simulacro, virtualidade e imagens passam a desempenhar importância fundamental na vida social e no imaginário das pessoas à medida em que se acelera e generaliza o processo de racionalização das organizações e atividades, das relações e estruturas sociais baseadas na técnica, na eletrônica, robótica, informática e telemática. O cidadão, elite ou massa, aparece como multidão (Ianni, 2003).

Agora, o tempo eletrônico comanda a vida do mundo, acelerando e diversificando intercâmbios e comércios, trocas e negócios, até mesmo as relações entre os povos. Assistimos ao surgimento de um mundo sistematizado, tecnificado, pragmático, impondo os princípios da quantificação e da eficiência a todas as atividades, produções culturais, modos de vida e de cosmovisão. É a chamada globalização do capital, das condições de produtividade, do mercado, do lucro e das exigências desse mesmo mercado.

Tal situação caracterizada como “tempo de mudança”, virada de milênio, resultou da revolução tecnológica e informacional, que vem transformando nosso modo de pensar, comunicar, viver, produzir e consumir, atingindo simultaneamente diferentes pessoas em diferentes espaços, constituindo uma economia global, planetária, uma cultura de virtualidade real, que integra diversas culturas em um único universo eletrônico - o ciberespaço, com suas conseqüências positivas e negativas (Castells, 2001a, 2001b).

A razão instrumental passou a ordenar tempos e espaços, modos de produção e consumo, modos de ver, pensar e agir. A vida das nações, empresas, instituições e partidos passou, de um modo geral, a ser organizada segundo padrões universais de eficácia, produtividade e lucro. Nesse caos desorganizado os homens parecem estar perdendo o sentido da vida, da própria identidade.

Para Giddens (2005) mudanças estruturais profundas vêm provocando transformações macropolíticas e macrossociais, condicionando a experiência humana em todo o mundo. Essas macrotransformações, resultado da ação conjugada dos processos de globalização, informatização das redes sócio-organizacionais, da crise do sujeito e do Estado-Nação, deixam uma sensação de vazio, de perda de chão, de desequilíbrio, de “desmonte” e “descontrole” jamais vividas historicamente. A globalização constitui este processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredam pela superfície da terra como um todo.

Fenômeno histórico-social de longa data, a globalização não tem significado único. Para Bauman (1999), ela não se refere a um processo de homogeneização global, mas, sobretudo, a uma

controversa diversidade nas estruturas sociais, desnudando as raízes e conseqüências sociais de um processo que divide a sociedade em forças opostas. De um lado, a elite detendo o poder nessa nova ordem social, caracterizada pela interdependência do espaço. Do outro, a massa popular, para a qual o espaço é limitado. Todos, no entanto, sofrem as conseqüências dessas mudanças repentinas, velozes, em processos ininterruptos e avassaladores.

A globalização, suas relações, processos e estruturas, repercutem sobre a realidade, dando-lhe novos significados. Este mundo globalizado de coisas, pessoas, idéias, realizações, possibilidades e ilusões vem provocando rupturas, fragmentações, contradições, desencontros em âmbito nacional e mundial, envolvendo relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais de grande alcance. Fala-se mesmo em outra história e outra geografia: “novas formas de espaço e tempo, às vezes, límpidos e transparentes, outras vezes caleidoscópios e labirínticos” (Ianni, 2003, p. 220).

A globalização, sob os auspícios da eletrônica, da informática, da robótica e da comunicação invade todo o mundo, modernizando a ordem social, econômica, cultural e pessoal. Provoca rupturas, desníveis sociais, anacronismos, dissonâncias e tensões em toda parte. A história e a cultura, suas relações, processos estruturais, vivências individuais e coletivas, nacionais e mundiais são modificadas cotidianamente. Tudo é transformado pela velocidade eletrônica, imprimindo novo ritmo à sociedade-rede.

Assiste-se ao desaparecimento de fronteiras, ao surgimento do capital volátil, à queda do Estado-Nação e do sujeito cartesiano. Novas cartografias são desenhadas, configurando um novo mundo globalizado: o *império da não-contemporaneidade*, no qual, passado e presente se confundem com o espaço, em ritmos e direções diferentes. Desmobilizam-se economias aparentemente sólidas e inabaláveis, instituindo o mundo dos dominadores e dos dominados. Do ponto de vista econômico, o livre comércio, aberto a países menos desenvolvidos, solapa suas economias muito vulneráveis à alteração dos preços e mudanças tecnológicas.

Com suas expressões culturais imbatíveis - *Coca-Cola, Mac Donald, CNN, Microsoft, Nokia*, entre outras -, divide o mundo simbólico em ricos e pobres, vencedores e perdedores, miseráveis e bem sucedidos, afetando todos os países, encerrando-os em um único mundo desigual, no qual investidores individuais podem transferir quantidades de capital, de um lado para outro do mundo, num piscar de olhos, com um simples clicar de um mouse.

Tal situação demanda por políticas e instrumentos de regulação públicos e privados, constituindo-se grave desafio ao desenvolvimento de novas formas não só de produzir e comercializar bens e serviços, mas também de promover e estimular o desenvolvimento industrial, as questões éticas, políticas, sociais e jurídicas, para uma nova ordem social pós-moderna (Lastres; Albagli, 1999).

Do ponto de vista da *dinâmica social*, algo completamente novo surge: o elemento integrador de coesão social desmoronou-se. O que era sólido derreteu-se (Bauman, 2001). As metanarrativas de suporte pessoal, coletivo e estrutural esvaíram-se. Experimenta-se a derrocada da democracia em crise com o domínio do mais forte e o crescimento da massa sobrando. Essa nova era, que está sendo gestada, é a chamada terceira corrente pós-modernista: o fim da modernidade, no qual a única coisa segura é a insegurança (Harvey, 1994, p. 103).

Este tempo, essencialmente, cibernético, informático e informacional, com seu desenvolvimento acelerado coloca a informação no centro da ciência, concebendo o conhecimento como todo modo de organizar, guardar e distribuir informações. A ciência é agora quantificada em *bits* de informação. Só é considerado conhecimento científico aquele que passa por esse crivo epistemológico.

As novas tecnologias tornam-se indispensáveis às decisões e acenam para o que diz Virilio em seu livro "Velocidade e Política" (1996, p. 9):

Esse "não-lugar" é o novo país, o continente da velocidade, um novo mundo nunca visto antes. É a "lógica da corrida"

que, a partir do advento da revolução tecnológica, tem a velocidade como valor máximo, assim como foi o dinheiro, para o capitalismo.

Virílio (1996) a considera que esse “não-lugar” tem comandado pela lógica da corrida, tem como referência absoluta não mais a riqueza, mas a velocidade. Esta é para ele tempo ganho, no sentido mais absoluto, porque se torna tempo humano. Assim, “a vida de cada um depende da velocidade da sua corrida”.

3. Cultura Narcísica

Esse novo tempo, hipermoderno, instantâneo, fluido tem como característica a “cultura do narcisismo”, uma monumental explosão individualista (Sennett, 2005; Lipovetsky, 2004c).

Em “Os tempos hipermodernos” (2004b), Lipovetsky pinta o quadro que se convencionou chamar, na França, de “paradigma individualista”. Em “A era do vazio” (1989), focaliza mais ainda a desagregação da sociedade e dos costumes, o indivíduo contemporâneo, o consumo de massa, a emergência de um modelo de socialização e de individualização nunca vistos, em ruptura com o tradicional dos séculos XVII e XVIII. Para o autor, estamos entrando em uma nova fase na história do individualismo ocidental caracterizada como segunda revolução individualista.

Este momento histórico marca um período de ruptura com todas as cadeias institucionais opostas à liberdade e autonomia dos indivíduos. Momento em que freios se rompem, permitindo a emergência e manifestação dos desejos subjetivos e sua realização individual. Esta revolução individualista delinea novas atitudes principalmente nos EUA e na Europa: apatia, indiferença, sedução, hedonismo, entre tantos outros.

Esta fase é a grande responsável pela passagem da modernidade à pós-modernidade (Giddens, 2002; 2005a) ou à hipermodernidade²,

(Lipovetsky 2004c). É resultado do aumento da produção industrial (*taylorismo*), da difusão de produtos pelo progresso dos meios de comunicação e transporte, das transações comerciais característica do capitalismo moderno. É a era consumista, instaurada sob a lógica da moda que penetra o mundo, aninhando-se principalmente no mundo burguês.

Pelos anos 50 ocorre uma segunda fase de consumo. Sua influência é ilimitada. Alicerçada no individualismo, liberta-se das amarras tradicionais, fazendo emergir a sociedade do "presente". Sua lógica é a da sedução, do hedonismo, extensivo a todas as camadas sociais.

Lipovetsky (1989, 2004a, 2004b) refere-se a esse tempo hipermoderno como a "sedutora leveza do ser" e Bauman (2001) como "tempo instantâneo", no sentido de exaustão e ausência de interesse. Para ele, nada mudou com a passagem da modernidade 'hardware' para 'software'. "Se a "modernidade pesada" mantinha o capital e o trabalho numa gaiola de ferro, a "modernidade leve" permitiu que um dos parceiros saísse da gaiola" (idem, p. 140). Se a "modernidade sólida" foi a era dos engajamentos mútuos, a "modernidade líquida" é a era dos desengajamentos.

Na pós-modernidade líquida, não há lugar para funções de longa duração. O curto prazo substitui o longo prazo e faz do "momento presente" sua meta final. A transitoriedade substitui a perenidade. Tudo cai nas malhas da presencialidade, inquieta e assusta. Assiste-se à imposição do atual, do presente, do fútil, do frívolo, do culto ao desenvolvimento pessoal e do bem-estar-material, expressão da ideologia individualista-hedonista.

Ruem-se as grandes narrativas, os discursos tradicionais em prol das condutas livremente escolhidas e assumidas pelos indivíduos singulares. A vontade de seduzir afeta o público e o privado. A disciplina, o laicismo, a vanguarda cedem lugar à personalização hedonista. O otimismo técnico-científico desmorona; as grandes descobertas envelhecem; assiste-se à queda do sujeito. Nenhuma ideologia política inflama multidões. A sociedade pós-moderna perde seus ídolos, seus tabus, suas imagens. Já não há nenhum projeto histórico mobilizador.

Doravante impera o vazio, sem perspectivas. A despolitização e a dessindicalização agigantam-se, a contestação juvenil e a esperança revolucionária desaparecem; a contra-cultura esgota-se. O individualismo contemporâneo afirma-se surpreendentemente, numa apatia frívola que, maciçamente se instala a despeito das realidades catastróficas, largamente exibidas e comentadas pela mídia.

A “res-pública” é banalizada. A mentira torna-se necessária para manter as instituições em funcionamento”, como vem acontecendo no sistema político brasileiro (Jabor, 2005). A situação caótica brasileira de crise governamental pela qual estamos passando, as CPIs (Comissões Parlamentares de Inquéritos) generalizadas em nível nacional, estatal e local, são conseqüências do crescimento dessa lógica social individual e hedonista.

Da deserção generalizada de valores e finalidades sociais, implicadas pelo processo de personalização, surge um novo estágio do individualismo: o narcisismo³. Ele mostra um perfil inédito do indivíduo em suas relações consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com o tempo. Se a modernidade se identifica com o espírito empresarial, com a esperança futurista, “o narcisismo inaugura, pela sua indiferença, a pós-modernidade” (Lipovetsky, 1989, p. 48).

Narciso é agora, o indivíduo *cool*, flexível, hedonista e libertário, fruto de uma nova lógica individualista (anos 80), caracterizada pelo adjetivo hiper: hiperconsumo, hipermercado, hipertexto, hipersociedade, hipermodernidade, hipernarcisismo. É a terceira revolução consumista, na qual se consome por prazer. Flexibilidade

³ Conta a mitologia grega (Ménard, 1991) que Narciso, jovem de rara beleza, fatigado pelo calor foi repousar à beira de um regato. Impressionado pela própria imagem, vista no espelho das águas, arrebatado pela própria beleza apaixonou-se por si mesmo. O mito de Narciso retrata valores e atitudes que dominam a sociedade contemporânea, caracterizada como idade do narcisismo.

Sigmund Freud (1998) foi quem cunhou o termo “narcisismo” e o incluiu ao vocabulário da psicologia para designar o amor à própria imagem e à fase infantil, na qual a criança faz do próprio eu o objeto prioritário de seu amor.

é a ordem do dia para uma sociedade imediatista e centrada em si mesma. Com razão diz Lipovetsky (2004b, p. 26):

A busca dos gozos privados suplantou a exigência de ostentação e de reconhecimento social: a época contemporânea vê afirmar-se um luxo de tipo inédito, um luxo emocional, experiencial, psicologizado, substituindo a primasia da teatralidade social pela das sensações íntimas.

Giddens (1991) relaciona a excessiva preocupação consigo mesmo, com o autodesenvolvimento e com o fato de que as velhas ordens comunais foram rompidas, produzindo a preocupação exclusivamente individualista. Para Lasch (1983), o que caracteriza e engendra a sociedade narcisica é viver do presente e não mais em função do passado e do futuro. Perdeu-se o sentido da continuidade histórica e o sentimento de pertença a uma geração enraizada no passado, mas que se prolonga no futuro. O sentido histórico esvaiu-se com as grandes meta-narrativas, valores e instituições.

As pessoas já não se prendem a instituições; ao contrário, desacreditam nelas e em seus valores. Família, religião (culto) são relegadas a segundo plano. Instaure-se o narcisismo coletivo, sintoma da crise generalizada no mundo hipermoderno.

Para Dantas (2005)⁴, o sujeito psicológico de Lasch tem consciência do nada existencial. Mesmo assim age em busca do sucesso, base do cinismo. Se a sensação de aceleração causa ansiedade, a certeza do nada conduz ao tédio. Cinismo, diz a autora interpretando Lasch, "é uma forma de defesa do sentimento de culpa ou remorso. O tédio é a punição do próprio cinismo, em oposição à clássica neurose do superego repressor". Freud (1996) falando da neurose como mal-estar da civilização aponta a repressão como sua causa. Hoje, esse mal-estar se expressa no tédio narcísico e na depressão causados pela aceleração violenta para o nada.

A "cultura narcísica" é a celebração da aparência física, o triunfo do espelho e o culto da própria imagem (Pereira, 2006, p. 03). Para

⁴ Informação Verbal - Palestra proferida em 2005, no Centro Educacional N. S. Auxiliadora - Campos/RJ.

designá-la, Kundera (1985) criou o termo “imagologia”, significando o poder da imagem social dos que fazem a moda e determinam sua importância no momento presente. O termo inclui hoje as agências de publicidade, os consultores de imagens para estadistas, os projetistas de aparelhos os mais criativos possíveis, estilistas, cabeleireiros, agências de modelos, “promoteur”, que ditam as normas da beleza física.

O narcisismo celebra as aparências, condena a pessoa à solidão e destruição de si mesma. Giddens (2002, p. 159) reforça esta idéia afirmando que “não tendo envolvimento pleno com os outros, o narcisista depende de infusões contínuas de admiração e aprovação para estimularem um sentido incerto de automerecimento”. Ou como diz Lasch (1983, p. 85):

O narcisista cronicamente entediado, está sempre à procura de intimidade instantânea, de excitação emocional sem envolvimento... As más imagens que internaliza fazem dele alguém excessivamente preocupado com a saúde; a hipocondria lhe dá uma afinidade com a terapia e com grupos e movimentos terapêuticos.

No universo narcisista o consumismo interpela as qualidades alienadas da vida social moderna, prometendo aquilo que o narcisista deseja: charme, beleza, sensualidade, popularidade - através do consumo de certos bens e serviços. O narcisista vive como que cercado de espelhos, procurando neles a aparência de um “eu” socialmente valorizado e aceito pelos outros.

Giddens (2002), ressalta que “a cultura do narcisismo”, é atualmente a “cultura da sobrevivência”, uma vez que somos forçados a enfrentar situações cada vez mais inusitadas nas quais o “eu” excessivamente individualista debate-se sem nenhum controle da situação. O homem econômico do início do século XX, deu lugar ao homem psicológico, narcisista, dependente do espelho do outro, combinação de medo e dependência, vazio e depressão. Ganancioso e sem limites vive em permanente estado de desejo, inquieto e insatisfeito, desesperançado.

Esta descrença no futuro, ainda que tenha suas bases nos perigos e riscos do devir, incorpora uma certa incapacidade narcísica de identificar-se com a posteridade e de sentir-se em comunhão com o todo histórico.

O questionamento da tradição, o hiper-individualismo das pessoas, a instabilidade das normas de socialização colocam em risco a coesão social contemporânea, uma vez que é impossível mantê-la numa sociedade autônoma, independente, desarraigada, liberta de laços comunitários que unificavam a sociedade anterior.

É curioso notar que o individualismo não anula as formas coletivas de participação; apenas muda seu teor, pois quando os indivíduos saem do seu casulo e se engajam em ações coletivas, o fazem pela lógica individualista. Interesses particulares prevalecem sobre os sociais, a autonomia individual sobre a ortodoxia doutrinal, o imediatismo interesseiro sobre o devotamento incondicional, a participação livre sobre a coletividade, a preguiça sobre a vontade de trabalhar.

Apesar de tudo Lipovetsky considera que a sociedade hiperindividualista não significa o fim das lutas sociais, pois, mesmo em meio ao individualismo, surgem variadas formas de engajamento em ações coletivas, com as quais a pessoa se envolve livremente, sem submeter-se, contudo, a qualquer ordem superior. A exigência de autonomia privada se reencontra nas ações coletivas, independentes, muitas vezes, das organizações políticas e sindicais.

Giddens (2005) afirma que o processo civilizatório está sendo conduzido pelas Organizações Intergovernamentais (OIGs) e pelas Organizações não Governamentais (ONGs), regulando, supervisionando domínios particulares de atividades de alcance transnacional. As mais conhecidas como *Greenpeace*, WWF - Rede Global do Meio Ambiente, médicos sem fronteira, Cruz Vermelha e anistia internacional estão envolvidas na proteção do meio ambiente e nos serviços de auxílio humanitário. Em nível nacional e local cresce o sentido da responsabilidade social, com programas diversos, nem todos essencialmente altruístas.

Mobilizações, muitas vezes, despolitizadas, desideologizadas, dessindicalizadas, aparecem por toda parte, sustentadas pelas reivindicações individualistas de melhoria do poder de compra e das

condições de trabalho na sociedade civil. O império do 'ego' coloniza a esfera das próprias ações coletivas em benefício próprio. Isso acontece nas dimensões política, cultural, econômica, religiosa e educacional do processo social, cada vez mais voltadas para a defesa dos interesses particulares, longe das grandes utopias históricas da era idealista.

Grupos de solidariedade caracterizados pela efemeridade aparecem e desaparecem rapidamente no tempo, sem elos de ligação. O efêmero permeia o espaço íntimo e social: tudo é passageiro e fugaz. Até as relações interpessoais caem na malha do imediato, do pragmático, embora refletindo menos a perda do sentido relacional do que o esforço de aspiração à autonomia privada. O "espírito da moda" vem penetrando na esfera da solidariedade e da ética sem doutrina, sem exigência, sem sacrifício.

No entanto, quanto mais a sociedade caminha para o individualismo, mais a individualidade humana se impõe como valor prioritário; quanto mais os metadiscursos históricos desmoronam, mais a vida e o respeito à pessoa se impõem como absoluto.

Eletronicamente dominados pela hiperídia⁵ virtual e personalizada, produzida pela sociedade pós-informacional, indivíduos se eletrizam isoladamente em decibéis, fechando-se em seu reduto. Tal situação significa a necessidade de se libertar de todos os códigos opressores e de se comunicar, não mais sob comando de fora, mas quando se quer e do jeito que se quer (Joyanes Aguilar, 1997).

Desse modo, a necessidade de comunicação se reconstrói sob outro enfoque: o individualista. No vazio da troca e no eclipse do face a face, percebe-se o desejo da comunicação midiática, possibilitando relacionar-se, mas ao mesmo tempo permanecer livre e anônimo, intercambiando informações com desconhecidos através do aparato tecnológico das infovias. É o que Lipovetsky (2004a) chama de cair nas "redes deslocadas". A decadência da comunicação inter-

⁵ Para Joyanes (1997) a hiperídia é o hipertexto - com uma diferença - os documentos hiperídia ligam-se não somente a outros fragmentos de texto, mas também a outras formas de mídia - som, imagem e animação (peticulas) - A hiperídia combina hipertexto e multimídia.

subjetiva deixa nas pessoas a sensação de vazio, de incompreensão, de estar só, de não ser percebido, de “estar-se-perdendo.

Essa reviravolta civilizacional que privilegia o cultivo do corpo e a autonomia individual não é mais organizada pela forma disciplinar. É a diversificação, o *self-service* que organiza a vida na democracia avançada, e que, contraditoriamente, busca a unidade e a coesão social na desordem e na comunicação artificial, aberta a todos pelas infovias comunicacionais.

4. Conclusões

No caos generalizado é possível vislumbrar uma sociedade nova, oposta à permissividade imperante, ou como diz Lipovetsky (2004b, p. 38): “embora “o sacerdócio do dever e os tabus vitorianos tenham caducado, nascem novas regulações, reconstituem-se proibições, restauram-se valores”. Se a liturgia do dever não tem mais espaço social, os costumes não soçobraram na anarquia. A sociedade civil está ávida de nova ordem e moderação.

É no contraponto avanço-recuo, que o processo de globalização se revela particularmente heurístico, pleno de possibilidades e surpresas, permitindo-nos sonhar, pois conforme afirma Ianni (2003, p. 227), “ainda não chegou o fim da história nem o fim da geografia”, o planeta terra ainda não alcançou uma forma acabada. O mundo apenas fragmentou-se.

Algo novo está surgindo: horizontes abertos pela globalização permeiam o presente e recriam o passado, instituindo uma nova inteligência das coisas, pessoas e acontecimentos. Um novo mundo vem sendo tecido a partir das tendências conflitantes da globalização e das identidades. O processo é lento, complexo, pois a globalização que forjou um império universal, não está sendo capaz de forjar um Estado Global e um governo planetário (Royo, 2002).

O futuro da hipermodernidade depende dos esforços e capacidade de fazer triunfar a ética do cuidado. Responsabilidade e irresponsabilidade coabitam em nossa história. A lógica binária de nossa sociedade seguirá ampliando-se, impondo outra leitura social, à qual o futuro da sociedade democrática está aberto. O maior

desafio é fornecer instrumentos para que as pessoas tenham algum futuro e construam utopias (Lipovetsky, 2004b).

5. Referências

- Bauman, Z. (1999). *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Castells, M. (2001a). *La era de la Información: economía, sociedad y cultura - el poder de la identidad*. 5. ed. Madrid: Alianza.
- Castells, M. (2001b). *La era de la Información: la sociedad en red*. Madrid: Alianza.
- Dantas, M. A. (2005). *Relação Professor-aluno*. Palestra proferida no CENSA. Campos dos Goytacazes/RJ.
- Freud, S. (1996). *A interpretação dos sonhos*. 1900. Tradução de Walfredo Ismael de Oliveira. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Giddens, A.; Beck, U.; Lash, S. (1997). *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP.
- Giddens, A. (1991). *As Conseqüências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP.
- _____ (2002). *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (2005). *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo em nós*. 4.ed. Tradução Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Record.
- Harvey, D. (1994). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 4. ed. Rio de Janeiro: Loyola.
- Ianni, O. (2003). *Teorias da Globalização*. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Joyanes Aguilar, L. (1997). *Cibersociedad: los retos sociales ante un nuevo mundo digital*. Madrid: McGraw Hill.

- Kundera, M. (1985). *A insustentável leveza do ser*. 31 ed. Tradução Teresa B. Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lasch, C. (1983). *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de espaço em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lastres, H. M. M.; Albagli, S. (1999). *Informação e Globalização na Era do Conhecimento*. São Paulo: Campus.
- Lipovetsky, G. (1989). *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução Miguel Serras Pereira; Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'água.
- _____ (2004a). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria Lucia Machado. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras,.
- _____ (2004b). *Os tempos hipermodernos*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla.
- _____ (2004c). *O nascimento do hipermoderno*. Folha de São Paulo. Caderno Mais. 14 de março.
- OCDE. *Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico*. Internet. Disponível em <http://www.icp.pt/template15.jsp?categoryID=110000>. Acesso em 03 de maio 2006.
- Pereira, W. C. C. (2006). *Autoridade, poder a autonomia: vícios e virtude*. In: *Revista Convergência*. Rio de Janeiro, ano XLI, n. 392: CRB, maio, ano XLI, n. 392.
- Royo, M. (2002). *O estado da globalização*. Internet. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv109.htm>. Acesso em: 11 maio 2005.
- Sennett, R. (2005). *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Virilio, P. (1996). *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade.

Sobre la autora

Doutora em Ciências Políticas e Sociologia -Universidad Pontificia de Salamanca - UPSAM (Campus Madrid). Mestre em Educação - PUC / RJ. Especializações em: Supervisão Escolar e Administração Escolar - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São João Del Rey; Especialização em Psicopedagogia na Educação - UNESA; Metodologia de Ensino Superior - PUC-MG; Programas de "Modificabilidad Cognitiva Estructural" - Instituto Superior S. Pio, Madrid. Trabalho: Diretora Acadêmica dos Institutos Superiores de Ensino do CENSA - Campos dos Goytacazes/RJ. Diretora do Instituto Superior de Educação do ISECENSA; Coordenadora do Curso de Pedagogia e Pós-graduação em Psicopedagogia do ISECENSA; Professora das disciplinas Fundamentos Didáticos do Processo Pedagógico I e II; Coordenação e Supervisão Pedagógica; Orientação Educacional no Curso de Pedagogia do ISECENSA; Professora de Fundamentos Didáticos do Processo Ensino-aprendizagem no Curso de Psicologia e de Pós-graduação em Psicopedagogia - ISECENSA; Diretora Acadêmica do CENSA - Centro Educacional N.S. Auxiliadora / Campos - RJ.